

Postado por **marcus** | 0 comentários

Joinvilense conta como foi o Girls Rock Camp Brasil



Você já ouviu falar no Girls Rock Camp Brasil? Pois então, temos uma joinvilense que pode nos contar muito sobre o assunto! A estudante de produção musical, Noemi Conrado, 24 anos, participou recentemente do projeto, que nasceu nos EUA, mas já promete criar raízes por aqui.

Noemi é baterista da banda The Hick Chiks, educadora e tradutora. Atualmente mora em Curitiba e ficou sabendo do projeto por Flávia Biggs, uma das idealizadoras do Girls Rock Camp aqui no Brasil. Flávia Biggs, pra quem não sabe, é guitarrista e vocalista de uma das maiores bandas de rock do underground brasileiro, o The Biggs, na ativa há mais de 10 anos. Ela trouxe o projeto para o Brasil após ter participado em dois Girls Rock Camp, em Portland. Além disso, Flávia organiza, desde 2005, o Guitarra para Meninas, em Sorocaba.

Confira o bate papo rápido com Noemi:



Coletivo Metranca: No que consiste o projeto? Fale mais sobre ele.

Noemi Conrado : O projeto Girls Rock Camp nasceu em Portland, no ano de 2001, e desde então tem se espalhado por todo os EUA, e pelo mundo também. E com muito orgulho e amor tivemos a primeiro Girls Rock Camp da América Latina, realizado na cidade de Sorocaba.

A ideia é dar poder às mulheres a partir de vivências musicais, através da guitarra, baixo, bateria voz e teclado. E fazer com que essas meninas entendam que elas podem ser o que quiserem, que podem, sim, fazer rock, ter uma banda e serem livres. No camp, elas aprendem um instrumento, montam uma banda e em cinco dias criam uma música própria para se apresentar no último dia. Nestes cinco dias elas também tiveram oficinas de defesa pessoal e fanzine que foram expostos no dia do show. Também houve oficina de estêncil onde cada banda criou um logo para estamparem em suas camisetas. Outras oficinas como expressão corporal e imagem e identidade também rolaram.

CM: Fale mais sobre a ideia de focar o público feminino, é uma alternativa social, para diminuir o machismo que existe dentro do rock?

Noemi Conrado: O ponto maior desse tipo de projeto é fazer com que meninas cresçam sabendo do poder que cada uma tem, e que não tem essa diferença que a sociedade enfia nas nossas gargantas, colocando mulheres sempre em segundo plano, como fracas, diminuídas e vendidas como um enlatado ou objeto de diversão masculina. É essencial mostrar pra essas meninas, que nós, mulheres, não somos rivais, igual vemos nas novelas, e que sim, enquanto houver machismo, nós precisamos estar unidas e precisamos confiar uma nas outras pra poder vencer essa barreira social e psicológica.

Toco e faço música desde criança. Aos 15 anos comecei a ter bandas, e era chato ver tantos meninos aprendendo instrumentos e fazendo música e quase nenhuma menina, muitas das meninas eram namoradas dos carinhos da banda, e o mais chato é saber que os caras nunca encorajavam suas namoradas a terem bandas. Essas meninas crescem com a ideia de que é legal namorar um músico, mas nem passa pela cabeça delas pegar um instrumento, antes disso elas aprendem a segurar o casaco e carregar a guitarra pro namorado, e o pior, acham isso o máximo. Por isso acredito que precisa sim ter muitos e muitos camp rock pra fazer essas meninas terem autoestima o suficiente pra serem poderosas e autossuficientes.

CM: O que agregou em você, como pessoa e musicista, participar deste projeto?

Noemi Conrado: O camp me deu amizades pra vida inteira, mostrou meu poder enquanto mulher, feminista e musicista, e forças para nunca mais parar de fazer rock! Todo o processo dos cinco dias me marcaram muito, mostrou como cada mulher e menina fez diferença nesse projeto. Era mágico ver cada ensaio das bandas, cada instrução de instrumento, e como em cinco dias meninas que nunca pegaram num instrumento antes conseguiram fazer letras e arranjos tão poderosos. Eu espero ver todas essas meninas e outras mais no próximo camp, porque é certeza q eu estarei também.

CM: Alguma coisa que mais chamou atenção, ou alguma experiência em especial que você gostaria de nos relatar?

Noemi Conrado: A ficha ainda não caiu pra mim, ainda estou no processo de voltar à vida real, sem falar que ainda não consegui processar tudo que eu passei lá. Foi algo marcante pra mim e para todas as pessoas envolvidas.



Poderá também gostar de:



Prepare-se: Faltam apenas um mês para o Zombieland Ritual 2012



Dia 17 de novembro tem zumbis e metal extremo em Joinville



Relato da segunda reunião da associação de bandas

LinkWithin

0 comentários:

Digite seu comentário...

Comentar como: Conta do Google

Publicar

Visualizar

Postagem mais recente

Início

Postagem mais antiga

Fale com a gente!

Coletivo Metranca
coletivometranca@gmail.com

Página no Facebook **Aqui**

Twitter **Aqui**

Marcus Vinicius Carvalheiro - Jornalista
(47)9927 6222

William Correa dos Santos - Designer Gráfico
(47)9990 3050

Pesquise o Metranca!

Pesquisar

Mais procurados



Grupo promove flash mob para dançar o hit Gangnam Style em Joinville



Os Replicantes e um Bovary que você não está mais acostumado a ver



Garagem Coletiva #2 - Warhell

Coletivo Metranca. Tecnologia do Blogger.

Parceiros

2K Estúdio

Bovary Snooker Pub

Grito Coletivo

Hell Produções

Rock Ilha

Scavengers Produções

Leia também

P.U.V.A. Land

Portal Joinville

Região Rock

É Rock - UDESC